

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 2, Gênero de linguagem cultural

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Na última palestra, vimos o que é hermenêutica e o que é interpretação, o que estamos fazendo quando fazemos isso, e também quais são as barreiras ou as distâncias, as lacunas que necessitam da hermenêutica. Dissemos que embora muitos prefiram apenas sentar-se e ler o texto bíblico, isso também, como já disse, revela suposições sobre a hermenêutica. Mas também desconhece a distância que pode criar mal-entendidos, e a hermenêutica permite-nos superar essa distância.

O que quero falar nesta sessão é o caráter ou a suposição que temos sobre a Bíblia que interpretamos. O que interpretamos quando falamos sobre a interpretação do Antigo e do Novo Testamento? Que suposições sobre a Bíblia influenciam a maneira como fazemos a hermenêutica? E então quero olhar para o caráter da literatura que estamos interpretando e como isso pode afetar a maneira como abordamos a interpretação do Antigo e do Novo Testamento. Teologicamente, uma palavra-chave para descrever como entendemos a Bíblia é a palavra inspiração.

Basicamente, quando dizemos que a Bíblia é inspirada, essa palavra em si pode gerar uma variedade de entendimentos. O que todos eles têm em comum é que a inspiração significa simplesmente que a Bíblia tem alguma ligação com a literatura religiosa, com o próprio Deus. Há uma conexão entre Deus e a Bíblia.

A questão é como entendemos essa conexão. O que queremos dizer quando afirmamos que a Bíblia é inspirada, que é uma literatura que afirma ser a palavra de Deus? O que queremos dizer com isso novamente e como isso afeta a maneira como lemos o Antigo e o Novo Testamento? O que queremos dizer quando dizemos que a Bíblia é inspirada? No seu sentido teológico, no seu sentido teológico pleno, a Bíblia

deve a sua origem tanto aos seres humanos como ao próprio Deus. E parte da questão é lutar para saber como entendemos a Bíblia como um documento totalmente humano que demonstra toda a sua dimensão humana e o facto de ser produzida por seres humanos, mas ao mesmo tempo afirma ser nada menos do que a própria palavra de Deus.

Como entendemos isso? Na verdade, muito poderia ser dito sobre isso, mas quero restringir a maioria dos meus comentários à questão de como isso afeta a forma como interpretamos. Mas quero olhar para o texto bíblico em si e examinar apenas dois factores para compreender o que queremos dizer com inspiração que devem ser tidos em conta quando consideramos o texto do Antigo e do Novo Testamento como literatura inspirada. E obviamente, é isso que diferencia, quando pensamos em termos de hermenêutica e interpretação, é isso que diferencia a Bíblia de outras formas de comunicação humana e de outras formas de comunicação que interpretaríamos.

Ao chamar a Bíblia de inspirada, reconhecemos que é a literatura religiosa que é separada. É de alguma forma a própria palavra de Deus e é isso que queremos explorar. Mas há dois fatores que precisam ser levados em conta quando pensamos no Antigo e no Novo Testamento como literatura inspirada ou como a palavra de Deus.

O primeiro são declarações sobre a própria Bíblia. O segundo é o fenômeno, os fenômenos que você realmente encontra no texto bíblico. O que encontramos acontecendo no texto? E, novamente, a primeira é o que a Bíblia diz sobre si mesma na medida em que ela é? Mas então quais são os fenômenos que encontramos no próprio texto quando começamos a examinar seus detalhes? As duas afirmações talvez mais significativas, pelo menos quando você começa a ler tratamentos de inspiração, dois textos que parecem sempre surgir como uma espécie de textos

clássicos quando se trata de inspiração, são ambos encontrados no Novo Testamento, embora haja uma série de textos do Novo Testamento, textos do Antigo Testamento e também textos que atestam seu caráter.

E penso particularmente em grande parte da literatura profética onde fica claro que os profetas afirmam conscientemente falar a palavra de Deus ao povo. Mas duas passagens, a primeira é encontrada na literatura paulina, e é 1 Timóteo capítulo 2. E 1 Timóteo capítulo 3, sinto muito, 1 Timóteo capítulo 3 e versículo 16. Desculpe, 2 Timóteo capítulo 3 e versículo 16 .

Paulo instruindo Timóteo diz que toda Escritura é inspirada por Deus. E essa palavra inspirada por Deus é aquela da qual teologicamente obtemos o termo inspiração. E há alguma dúvida de que talvez o próprio Paulo tenha criado esta palavra a partir de duas palavras gregas que basicamente se assemelham a esta tradução soprada por Deus.

Mas veremos isso mais tarde. Mas todas as Escrituras são inspiradas por Deus e são proveitosas para ensinar, repreender, corrigir, treinar e fazer justiça. E então o versículo 17, para que a pessoa de Deus esteja completamente equipada para toda boa obra.

Então, 1 Timóteo capítulo 3, 16, veremos isso mais tarde. Embora principalmente Paulo esteja se referindo à coleção de textos como a palavra de Deus que estaria disponível para ele e seus leitores, principalmente o Antigo Testamento. Embora eu ache que você poderia argumentar que Paulo também poderia incluir o evangelho nisso.

Se não, obviamente, suas próprias cartas e outros documentos do Novo Testamento. Talvez Paulo esteja se referindo principalmente ao Antigo Testamento, mas vê-o

claramente como, e se entendi este texto corretamente, ele está incluindo a totalidade do Antigo Testamento, a totalidade das Escrituras como nada menos que o produto do próprio sopro de Deus. , da própria fala de Deus. Portanto, este texto é uma espécie importante de meta-afirmação sobre a totalidade do Antigo Testamento.

E, novamente, é possível que, quando você lê antes e depois deste texto, Paulo também inclua o evangelho que ele prega neste, bem como naquele que o Antigo Testamento testifica. Mas é evidente que Paulo, neste tipo de meta-afirmação, veria a totalidade das Escrituras disponíveis para ele como nada menos do que aquilo que é o produto do próprio sopro de Deus, a própria palavra de Deus. O outro texto que no Novo Testamento é proeminente em estabelecer a visão da própria Bíblia sobre si mesma, novamente uma espécie de meta-afirmação que abrange toda a totalidade da escritura disponível ao autor, é encontrado em 2 Pedro e no capítulo 1 e versículo 20.

E voltarei e lerei o versículo 19 também. E a partir do versículo 19, temos a palavra dos profetas mais certa, e vocês farão bem em prestar atenção a ela, como à luz que brilha em lugar escuro até que o dia amanheça e a estrela da manhã nasça em seus corações. No versículo 20, acima de tudo, você deve entender que nenhuma profecia das Escrituras surgiu pela própria interpretação do profeta.

Para a profecia, versículo 21, a profecia nunca teve sua origem na vontade do homem, mas os homens falaram da parte de Deus conforme eram levados pelo Espírito Santo. E voltaremos a este texto brevemente mais adiante. Novamente, pode haver algumas limitações deste texto, pois o autor está se referindo principalmente a textos proféticos, mas claramente pelo menos aos textos proféticos, ele os vê como um produto do espírito de Deus movendo as pessoas para falar a própria palavra de Deus ao seu povo. .

Portanto, estas duas declarações estabelecem o facto, mais uma vez uma espécie de meta-afirmações que transcendem as Escrituras, estabelecem o facto de que Paulo e Pedro, estes dois autores, olham para o Antigo Testamento e vêem-no como nada menos do que o produto do próprio discurso de Deus. , como resultado da atividade divina do espírito de Deus trabalhando na vida dos seres humanos para produzir isso. Portanto, é principalmente a partir desses dois textos que obtemos a compreensão da inspiração, que os textos bíblicos devem ser vistos como o produto da fala de Deus, como o produto da atividade divina de Deus trabalhando e movendo indivíduos a falar o que é nada menos que o Palavra de Deus. No entanto, não precisamos apenas olhar para as declarações do próprio texto bíblico e o que ele diz sobre si mesmo, mas também para os fenômenos da Bíblia. O que realmente encontramos no texto bíblico? E novamente, farei uma espécie de levantamento dolorosamente breve de alguns dos detalhes, ou o que encontramos no texto, que devem ser levados em conta quando entendemos o que queremos dizer quando dizemos que a Bíblia é inspirada, e como isso afeta a maneira como lemos e interpretamos o texto bíblico.

A primeira coisa que encontramos, novamente vou apenas listar algumas coisas e dar alguns exemplos muito breves. A primeira coisa que encontramos frequentemente no texto bíblico é Deus falando diretamente aos seres humanos, aos autores humanos. O melhor exemplo disso é a literatura profética, e você encontra aquela fórmula repetida ao longo do texto profético, a palavra do Senhor veio ao profeta Isaías, ou a palavra do Senhor veio a Ezequiel, ou a palavra do Senhor veio a quem quer que seja, e então muitas vezes assim diz o Senhor, uma fórmula de discurso profético.

Os profetas parecem ser, no mínimo, o que quer que estejam fazendo, os profetas parecem estar cientes de que o que estão falando é nada menos do que o resultado

de Deus falando diretamente com eles ou através deles. Muitas vezes, em alguns livros de teologia, você encontra profetas descritos como porta-vozes de Deus, ou algo parecido. Mas um texto como o texto profético, onde os profetas estão cientes da palavra do Senhor vindo a eles, e assim diz o Senhor, eles estão cientes de proclamar uma mensagem que é resultado de Deus falando diretamente com eles.

Ou você pensa no Antigo Testamento do Decálogo que o próprio Deus escreve e dá ao seu povo. Ou um livro como Daniel ou Apocalipse, onde duas obras apocalípticas onde Deus, especialmente Apocalipse, onde no primeiro, o primeiro versículo do capítulo um de Apocalipse, o próprio tipo de prólogo de seu livro, João rotula seu livro como a revelação de Jesus Cristo. E estou convencido de que Jesus Cristo é a fonte da revelação, aquele que dá a revelação.

Mas vejam vocês que ele diz a revelação de Jesus Cristo, é a revelação que vem de Jesus Cristo a qual Deus lhe deu para mostrar aos seus profetas. Então, em última análise, João afirma, novamente o que quer que ele esteja fazendo em Apocalipse, que, em última análise, João afirma que é nada menos do que um resultado da atividade revelatória de Cristo e, em última análise, do próprio Deus para João. Assim, Deus, em vários textos do Antigo Novo Testamento, especialmente textos do tipo profético, encontramos os autores registrando uma mensagem de que Deus fala diretamente ao autor humano.

Outro tipo interessante de texto é que você tem alguns lugares onde palavras humanas, palavras aparentemente faladas e escritas por seres humanos inconscientes de que estão fazendo qualquer outra coisa além de escrever suas próprias palavras, são frequentemente atribuídas a Deus por autores posteriores. Só para dar um exemplo, em Gênesis capítulo 2 e versículo 24, fico um pouco desconfortável usando exemplos do Antigo Testamento porque tenho um estudioso do Antigo Testamento filmando tudo isso e então, se a cabeça dele começar a

tremer, não, eu sei. Estou no caminho errado. Gênesis capítulo 2 e versículo 24, uma passagem que mais tarde também é retomada algumas vezes no Novo Testamento.

Mas no capítulo 2 e versículo 24, por esta razão, no final de Gênesis 1 e 2 sendo dois relatos da criação sob perspectivas diferentes, no final do relato no capítulo 2 o autor termina dizendo, por esta razão, um o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e eles se tornarão uma só carne. Curiosamente, vários comentários pensam que isto é o que muitas vezes é chamado de aparte interpretativo. Ou seja, é uma espécie de comentário do próprio autor.

Nos dias modernos, podemos colocá-lo entre parênteses ou em uma nota de rodapé ou algo assim. É uma espécie de aparte ou comentário que conforme o autor está narrando algo, ah, a propósito, deixe-me fazer esse comentário para ajudar você a entender. Portanto, este é provavelmente o comentário interpretativo do próprio autor, deixando de lado sua própria narrativa sobre o texto bíblico.

São suas próprias palavras, sua própria avaliação do que escreveu até agora. Mas é interessante, quando o próprio Jesus pega esse texto em Mateus capítulo 19, em um de seus debates com os fariseus, os fariseus vêm até ele e dizem: é lícito ao homem divorciar-se de sua esposa por qualquer motivo? E nos versículos 4 e 5, Jesus responde citando este texto. Mas observe como ele o apresenta.

Jesus diz, você não ouviu, ele respondeu, que no início o criador, numa referência ao próprio Deus, os fez homem e mulher e disse, por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois se tornarão uma só carne. Aparentemente, Jesus pensava que o próprio Deus era o responsável. O criador foi responsável por dizer essas palavras.

E existem alguns outros exemplos disso. Mas penso que este é um exemplo muito simples de palavras humanas e do seu contexto original de Gênesis 2 sendo agora atribuído ao criador, ao próprio Deus. Portanto, há lugares onde Deus fala diretamente aos seus autores humanos e eles parecem registrar o que ele diz.

Existem outros lugares, alguns lugares onde o autor humano diz algo e mais tarde isso é atribuído ao próprio Deus, como Jesus faz em Mateus capítulo 19. Há também exemplos de seres humanos falando com Deus, onde isso não aparece. que Deus está se dirigindo a eles, mas são apenas seres humanos se dirigindo a Deus. Os Salmos do Antigo Testamento, os Salmos estão cheios de exemplos.

Salmo 103, louva ao Senhor, ó minha alma, todo o meu ser, louva o seu santo nome. Louve ao Senhor, ó minha alma, e não se esqueça de todos os seus benefícios. Salmos como este, e você pode recorrer a qualquer pessoa, são expressões de louvor ou lamentação ou outros tipos de expressões do salmista a Deus.

Não um registro de Deus falando ao salmista, mas um registro do salmista abrindo seu coração a Deus. Então este é um ser humano falando com Deus. Como essa é a palavra inspirada de Deus? Outros textos bíblicos parecem refletir processos muito humanos de compilação, produção ou escrita.

Isto é, estou pensando especialmente em ter em mente referências, referências explícitas, no texto bíblico do autor humano, apoiando-se em escritos anteriores, mesmo em escritos seculares, e deixando isso claro. Por exemplo, eu poderia apontar uma série de exemplos, mas em 2 Reis, e isso acontece em vários lugares, mas 2 Reis capítulo 12 e versículo 19. 2 Reis 12, 19, e no final do registro das façanhas de um dos Os reis de Israel, no versículo 19, diz o autor de Reis, quanto aos demais acontecimentos do reinado de Joás, e tudo o que ele fez, não estão escritos no livro dos anais do rei de Judá? O que não tenho certeza do que é, mas

aparentemente o autor de Reis tem se baseado em outra fonte, o que seria comum durante o dia, e pesquisado e utilizado outro documento que ele chama de anais dos reis para fornecer informações para seu próprio trabalho escrito.

Você encontra algo semelhante acontecendo no Novo Testamento, no evangelho de Lucas, o terceiro evangelho, onde, novamente, em uma espécie de declaração do tipo prólogo bem no início, Lucas realmente nos diz algo sobre os meios pelos quais ele produziu o evangelho de Lucas. Ele nos conta um pouco sobre o funcionamento de seu evangelho e como ele o produziu e como ele aconteceu. No capítulo 1, nos versículos 1 a 4, muitos se comprometeram a fazer um relato das coisas que se cumpriram entre nós, tal como nos foram transmitidas por aqueles que desde o início foram testemunhas oculares e servos da palavra.

Portanto, como eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente desde o início, pareceu-me bom também escrever um relato ordenado para você, excelentíssimo Teófilo, que pode ter sido uma espécie de patrono que financiou o trabalho e a pesquisa para Lucas produzir este, para que vocês conheçam a certeza das coisas que lhes foram ensinadas. Agora, observe o que está acontecendo neste texto. Algumas coisas.

Em primeiro lugar, Lucas usa bastante linguagem comum em outras narrativas ou obras biográficas semelhantes às de Lucas, como escrever um relato ordenado. Muito dessa linguagem se assemelha a outras obras. Não é exclusivo de Luke.

Segundo, Lucas parece estar ciente de outros relatos da vida de Cristo. Observe sua linguagem, já que outros se comprometeram a redigir um relato. Portanto, Lucas parece estar ciente e parece estar utilizando o trabalho de outros, seja isso um dos outros evangelhos, como Mateus ou Marcos, é possível, mas Lucas não nos diz quais outros recursos ele tinha disponíveis, mas ele está claramente conhece outros

relatos da vida de Cristo, e talvez pretenda complementá-los ou talvez corrigir alguns deles.

A outra coisa que Lucas nos diz é que ele conhece testemunhas oculares e outras pessoas que testemunham sobre esses relatos, e também confia nelas. Então, juntando tudo isso, Lucas parece revelar um processo de interpretação muito humano. Na verdade, isso é tão humano que me pergunto se um dos motivos para isso, falaremos sobre isso um pouco mais tarde em outra sessão, mas há alguns manuscritos de Lucas que nestes versículos onde Lucas diz: pareceu bom para mim, há alguns manuscritos que fornecem o fim do Espírito Santo, que também é uma frase encontrada em outras partes de Lucas, então talvez eles estejam extraindo disso, mas é quase como se alguns escribas pensassem que isso era muito humano, e eles queriam acrescentar a sanção divina de que, você sabe, certamente Lucas não escreveu isso sozinho, pareceu-me bom, mas deve ter sanção divina por trás disso também.

Mas se esses dois manuscritos estiverem incorretos ao acrescentar isso, teremos Lucas passando por um processo de produção muito humano. Ele está confiando em outras fontes, está ciente de testemunhas oculares, está ciente de outros relatos da vida de Jesus, e agora lhe parece bom escrever seu próprio relato sobre Teófilo, talvez a pedido de Teófilo. Portanto, não parece que Lucas, de repente, um dia começou a brilhar e se sentiu compelido pelo Espírito a sentar-se e começar a escrever isto, pois parecia ser o resultado de um processo muito humano, muito parecido com o autor de 2 Reis, usando fontes para compilar seu próprio relato da vida do rei.

Então, como é essa escritura inspirada? Como isso se encaixa na compreensão do Antigo Novo Testamento como inspirado? Outro tipo de evidência que encontramos no Antigo Novo Testamento, especialmente esta evidência, este exemplo vem do

Novo Testamento, é interessante que Paulo parece distinguir às vezes as suas próprias palavras das palavras de Deus, ou das palavras de Cristo. E alguns até recorreram a isto para questionar se Paulo pensa que o que ele escreve é mais a sua própria opinião, em oposição ao que lhe foi revelado através de Cristo. 1 Coríntios capítulo 7, onde no capítulo 7 Paulo está dando instruções para, por causa de certa situação que está acontecendo em Corinto, e o capítulo 7 seria outro exemplo maravilhoso da distância que existe entre o leitor moderno e nossa história, cultura e formação, e o texto antigo e sua cultura, antecedentes e história.

Mas Paulo está abordando uma situação relacionada a diferentes questões que giram em torno de casamento e divórcio e sexualidade e abstinência e viuvez, etc. E no meio disso, ele diz algo interessante ao abordar a situação de alguns que talvez estejam questionando se deveriam receber divorciados ou não, e não entrarei em detalhes sobre o que pode ter levado alguns coríntios a pensar isso. Mas nos versículos 10 a 12, Paulo diz, aos casados eu dou esta ordem.

Mas ele diz, não eu, mas o Senhor. E então aqui está a ordem: uma esposa não deve se separar de seu marido, mas se o fizer, ela deve permanecer solteira ou então se reconciliar com seu marido, e um marido não deve se divorciar de sua esposa. Agora, versículo 12, para o resto eu digo isso, mas Paulo qualifica dizendo, eu digo isso, não o Senhor.

E aqui está o que ele diz: se algum irmão tiver uma esposa que não seja crente, e ela estiver disposta a viver com ele, ele não deve se divorciar dela. E se uma mulher tem um marido que não é crente, e ele está disposto a viver com ela, ela não deve divorciar-se dele. Então, o que está acontecendo neste texto? Paulo está realmente distinguindo suas próprias palavras, que são sua própria opinião, quando ele diz, eu digo isso, não o Senhor, de algo que foi revelado a ele através de Jesus, de modo que ele dirá, o Senhor diz isso, não eu? ? Estaria Paulo distinguindo a sua própria opinião,

que pode ser considerada mais levemente, da própria palavra de Cristo que ele agora comunica aos seus leitores? Acho que provavelmente há uma explicação melhor para este texto.

Em vez disso, acho que Paulo não está distinguindo níveis de autoridade, que de alguma forma, se Cristo diz isso, se Cristo revelou isso, você deveria obedecer. Mas esta é a minha opinião, então você pode aceitá-la com cautela ou pode decidir o que quer fazer com ela. Em vez disso, acho que ele está simplesmente distinguindo se suas palavras podem ou não encontrar apoio em algo que Jesus ensinou.

Então, quando no versículo 10, quando Paulo diz, para Maria, eu dou essa ordem, não eu, mas o Senhor, acho que ele está se baseando em uma palavra específica de Jesus dos evangelhos. Você volta a Mateus, o texto de Mateus, no Sermão da Montanha, no capítulo 19, ou Marcos, o Evangelho de Marcos, onde registram as palavras de Jesus a respeito do divórcio. Acho que é a isso que Paulo está se referindo neste texto.

Lemos parte disso quando lemos Mateus 19, parte das instruções de Jesus sobre o divórcio. E então eu acho que Paulo, quando ele diz, eu lhe dou esta ordem, não eu, mas o Senhor, ele não está dizendo que isso é algo que Jesus me revelou, portanto, está em um nível mais alto de autoridade. Ele está simplesmente dizendo: posso apelar para uma ordem direta de Jesus contida nos evangelhos ou nas tradições dos ensinamentos de Jesus.

Mas então no versículo 12, quando ele diz, para o resto, eu digo isso, eu, mas não o Senhor, ele não está dizendo que esta é apenas minha própria opinião. Ele está simplesmente dizendo: não tenho necessariamente uma palavra de Jesus para apoiar isso. No entanto, é interessante que, bem no final do capítulo 7, ele possa dizer, e eu também acho, que tenho o Espírito de Deus.

Portanto, durante todo o capítulo 7, Paulo parece estar ciente de que o que ele está dizendo é oficial e deve ser obedecido. Na verdade, mais tarde, mais adiante no capítulo 14, Paulo dirá, basicamente, que qualquer um deveria perceber que o que eu digo é nada menos que uma ordem do Senhor. Portanto, Paulo não parece estar distinguindo níveis de autoridade, que o que ele diz é de alguma forma a sua opinião a ser levada com menos seriedade.

E, portanto, o que Jesus diz é o que Ihe foi revelado, e eles deveriam ouvir isso. Mas, em vez disso, penso que no capítulo 7 Paulo está simplesmente distinguindo se ele pode apelar para uma palavra de Jesus do ensino terreno de Jesus ou não. No entanto, mesmo quando não consegue, Paulo ainda está convencido de que tem o Espírito de Deus.

E ele transmite uma mensagem que tem autoridade e espera que seus leitores obedçam. Um segundo, não um segundo, mas outro detalhe que se encontra, outro fenômeno que se encontra no texto bíblico. Mais uma vez, apelo ao Novo Testamento para este caso, embora você possa encontrar provavelmente exemplos semelhantes no Antigo Testamento.

Mas é interessante que quando você lê os Evangelhos, especialmente Mateus, Marcos e Lucas, os chamados Evangelhos sinóticos, porque parece haver alguma relação literária entre eles. A redação, a ordem dos eventos, veremos isso mais tarde, sob a crítica das fontes, em uma sessão diferente. Mas os Evangelhos sinóticos parecem registrar as mesmas, às vezes, exatamente as mesmas palavras, exatamente as mesmas declarações de Jesus.

No entanto, é interessante que nem sempre pareçam interessados em registrar as palavras exatas de Jesus. Então, por exemplo, como você lida com isso? Em Mateus

capítulo 5 e versículo 3, uma das chamadas bem-aventuranças de Jesus em seu Sermão da Montanha, em Mateus capítulo 5 versículo 3, Jesus diz, bem-aventurados os pobres de espírito. Mas Lucas capítulo 6 versículo 20, na versão de Lucas do Sermão da Montanha, vocês têm, bem-aventurados vocês que são pobres.

Agora, o que quero dizer, a minha intenção neste momento não é julgar entre estes dois ou resolver a questão, mas apenas salientar que a sua redação é muito diferente. Mateus tem pobres de espírito, e Mateus tem na terceira pessoa, bem-aventurados os pobres de espírito. Lucas acaba de dizer que bem-aventurados os pobres, e ele diz isso na segunda pessoa, bem-aventurados vocês que são pobres.

Além disso, se Jesus, embora eu pense que Jesus era provavelmente trilingue, provavelmente falava hebraico, aramaico e grego, se Jesus, como muitos pensam, falava isso em aramaico, o fato de estes estarem registrados em grego sugere claramente que não temos as palavras exatas e precisas de Jesus. Um deles errou? Será que Mateus se enganou ao dizer os pobres de espírito? Ou Luke entendeu errado ao deixar de fora o espírito? Ou, mais provavelmente, deveríamos entender os escritores dos Evangelhos como não tão preocupados em preservar as palavras precisas e exatas de Jesus, mas em vez disso em produzir resumos precisos ou relatos e resumos precisos do que Jesus disse? Sim, às vezes eles podem registrar com precisão o que Jesus disse, mas outras vezes, é possível que Mateus e Lucas estejam entendendo exatamente o que Jesus estava comunicando, sem necessariamente registrar as palavras precisas? Penso que temos de chegar a uma conclusão como esta, caso contrário teremos de concluir que um deles estava errado. Se Mateus e Lucas estão tentando preservar as palavras exatas de Jesus, um ou ambos se enganaram.

Mas, se, como era comum em, voltámos a dizer, uma das distâncias que vivemos é uma distância literária. No primeiro século, era muito comum as pessoas resumirem,

darem um resumo preciso e adequado do que era dito, desde que retratasse com precisão o que alguém comunicava, tudo bem. Não parecia que eles estavam tão interessados quanto nós em citações, onde você colocava citações e preservava a leitura exata e precisa.

Em vez disso, muitas vezes estavam mais interessados em fornecer um resumo preciso, de modo que Mateus e Lucas acertassem. Ambos capturaram o significado e exatamente o que Jesus estava tentando comunicar. Ou outro exemplo interessante é o Sermão da Montanha, em Mateus 5 a 7, a versão mais longa dele.

Se você reservasse um tempo para sentar e ler em uma boa tradução para o inglês, eu acho que levaria, ah, 10 ou 15 minutos, talvez para lê-lo, mais ou menos alguns minutos. Duvido seriamente que Jesus ensinasse por 10 a 15 minutos. Mais provavelmente, durou um dia, talvez.

Mais tempo, talvez um pouco menos, mas provavelmente pelo menos a maior parte do dia. Assim, mesmo o querido Sermão da Montanha de Mateus 5 a 7 é, às vezes, capaz de capturar algumas das palavras exatas, mas é mais provável, novamente, que seja um resumo preciso e um retrato preciso do que Jesus disse. Então, se Jesus tivesse lido o próprio relato que Mateus escreveu, ele teria dito, sim, isso captura exatamente o que eu estava comunicando.

Então, como é que isso é a Palavra de Deus? O fato de termos escritores no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos, registrando as palavras de Jesus que nunca retratam exatamente o texto preciso, mas se sentem à vontade para resumir, e às vezes o fazem de forma diferente. Mateus parece enfatizar a pobreza de espírito, enquanto Lucas enfatiza a pobreza física, e creio que há uma maneira de harmonizar isso. Mas como entendemos isso como a Palavra inspirada de Deus? O último fenômeno que encontramos, e há vários outros aos quais poderíamos nos

referir, mas o último fenômeno que encontramos no Antigo Novo Testamento é que a Bíblia parece ser uma salvação historicamente organizada.

Ou seja, a Bíblia parece estar organizada de modo que o Novo Testamento se cumpra, mesmo às vezes, eclipsando a revelação anterior do Antigo Testamento, para que os cristãos hoje possam refletir sobre a questão: por que não oferecemos sacrifícios? Quando isso foi ordenado ao povo de Deus no Antigo Testamento, é um preceito bíblico, uma ordem bíblica, mas a maioria de nós não oferece sacrifícios hoje. A maioria de nós não guarda o sábado, mas sim guardar todos os regulamentos do dia de sábado que o povo de Deus, Israel, guardava. Como é que esta é a Palavra de Deus? O fato de que certas partes da revelação do Antigo Testamento não são mais aplicáveis, e às vezes Jesus e os escritores do Novo Testamento até as derrubam, como o sistema sacrificial e alguns dos regulamentos relacionados aos sacrifícios do Antigo Testamento.

Como entendemos isso como a Palavra de Deus? Então, levando em consideração todas essas informações, os diferentes fenômenos que encontramos no Antigo Novo Testamento, às vezes Deus fala diretamente aos autores, às vezes os autores falam a Deus, como o salmista quando louvam, e expressões de louvor, e lamentação e adoração. Às vezes, autores humanos falam, e um autor posterior atribuirá isso a Deus. Às vezes vemos revelados processos de composição e produção muito humanos.

Às vezes encontramos autores não interessados em produzir e preservar as palavras exatas, mas sim resumos, e às vezes os resumos até diferem. Como isso é a Palavra de Deus? E então relacionando isso com as próprias meta-afirmações da Bíblia, que a Bíblia é inspirada, ou que a Bíblia é o produto do Espírito de Deus, levando os autores humanos a produzir o que, pelo menos em 2 Timóteo, não é nada menos do que as

próprias palavras inspiradas. de Deus, o próprio sopro de Deus. Historicamente, houve pelo menos quatro maneiras pelas quais isso foi entendido.

Vou apenas resumi-los brevemente e depois comunicar o que penso que pode resumir ou explicar esta evidência. Em primeiro lugar, historicamente, há quatro visões de inspiração que lutaram contra isso. E, novamente, tudo isso poderia ter subvisões, em diferentes maneiras de encará-los.

Isto não é exaustivo. Pode haver outras visualizações que poderiam ser adicionadas, mas pintarei com pinceladas bem largas . Uma visão tem sido frequentemente rotulada como visão fundamentalista, e é a de que Deus realmente ditou as palavras das Escrituras.

Portanto, não apenas os profetas, mas os profetas, em certo sentido, alguns chamam isso de modelo profético. Os profetas, em certo sentido, fornecem o modelo para a compreensão de Gênesis a Apocalipse. É o resultado de Deus realmente ditar e falar diretamente as palavras ao autor bíblico, de modo que o autor basicamente se torna um secretário passivo, simplesmente registrando e inscrevendo, assim diz o Senhor.

Assim , o profético, assim diz o Senhor, estende-se a toda a Bíblia. Assim, às vezes, no passado, Deus foi entendido como alguém que realmente ditava as palavras das Escrituras ao autor humano. Outra visão, em exato contraste com esta, é conhecida como visão liberal.

E isso é que a Bíblia não deve ser equiparada à palavra de Deus. A primeira visão, a fundamentalista, encontraria uma equiparação muito estrita da palavra de Deus com o próprio texto bíblico. A visão liberal diria que o texto bíblico em si não deve ser identificado com a palavra de Deus, mas apenas e em grande parte com o registro da experiência religiosa humana.

Sua inspiração deve ser entendida em consonância com outros tipos de literatura inspirada. Portanto, não é realmente mais importante, ou pelo menos não tem mais autoridade, do que qualquer outro texto religioso ou qualquer outro texto. Outra, uma terceira visão, que em certo sentido pretende responder à segunda, era uma visão frequentemente associada ao teólogo suíço Karl Barth, e que é conhecida como neo-ortodoxia.

E Barth disse que a Bíblia, a palavra escrita de Deus, não deve ser equiparada à palavra de Deus, mas pode se tornar a palavra de Deus. Para colocar isso em termos simples, pode se tornar a palavra de Deus quando Deus escolhe continuar a revelar-se ao seu povo através deste registro de revelação. Portanto, a Bíblia é um testemunho, muitas vezes você encontrará Barth ou outros discutindo sobre Barth, descrevendo a Bíblia como um testemunho da revelação.

A Bíblia é um testemunho revelador de Deus, mas pode continuar a se tornar a palavra de Deus. Pode continuar assim quando Deus decidir revelar-se através deste registro de revelação para nós. Ela decorre da compreensão de Barth de que Deus era totalmente outro, e nenhuma linguagem ou documento humano poderia esperar revelar e capturar a revelação de Deus.

Portanto, a Bíblia é basicamente um documento humano errante e infalível, mas pode tornar-se a palavra de Deus quando Deus escolhe continuar a revelar-se através deste testemunho da sua revelação. Uma quarta visão é conhecida como, muitas vezes por falta de um termo melhor, eu a rotulei, e outros a rotularam como visão evangélica. E essa é a Bíblia, assim como o número um, a Bíblia deve ser equiparada à palavra de Deus, ao contrário dos números dois e três.

Mas, ao contrário do número um, a visão fundamentalista, a visão evangélica percebe que a Bíblia é a própria palavra de Deus, mas é comunicada através de autores humanos e através de métodos e meios muito humanos e diversos. Então Deus esteve trabalhando durante todo o processo. Assim, por exemplo, Lucas capítulo um, onde Lucas está utilizando outras fontes e fazendo sua pesquisa com base em testemunhas oculares e ciente de outros relatos da vida de Jesus, talvez veja deficiências em alguns deles, e agora decide escrever seu próprio relato.

Deus está trabalhando durante todo o processo, para que o resultado seja algo que não é nada menos que as próprias palavras dos seres humanos, mas, ao mesmo tempo, nada menos que a própria palavra de Deus. Portanto, a produção divina das Escrituras, o envolvimento divino, o fato de as Escrituras serem identificadas como a palavra de Deus, não diminuem o aspecto humano. Alguns compararam isso com a encarnação, o fato de Jesus ser ao mesmo tempo totalmente Deus, mas totalmente humano, é que isso pode ser visto como a fala encarnada de Deus.

Que é ao mesmo tempo plenamente a palavra de Deus, mas de alguma forma as palavras dos seres humanos. E assim podemos ler o texto bíblico e ver as diferentes ênfases que vemos entre o relato de Mateus sobre o Sermão da Montanha e o relato de Lucas, ou narrativa do Antigo Testamento, e os Salmos, Salmos clamando em expressões de louvor a Deus. Podemos ver processos muito humanos de comunicação e escrita.

Podemos distinguir o grego de Paulo do grego de Tiago ou Marcos. Assim, uma visão evangélica afirma que a Bíblia é de alguma forma a palavra de Deus, sem de alguma forma diminuir também todo o elemento humano. Deixe-me voltar brevemente para examinar os dois textos bíblicos que levantamos logo no início, Timóteo 3.16 e 2 Pedro 2.20. Na passagem de Timóteo 3.16, 2 Timóteo 3.16, é importante com ambos

os textos entender não apenas a contribuição que eles fazem para a nossa compreensão da inspiração, mas também a limitação.

Então encerraremos, resumiremos o que queremos dizer talvez na próxima sessão. O que queremos dizer com inspiração? Como isso afeta a interpretação e a hermenêutica? Com a passagem de 2 Timóteo 3.16, todas as Escrituras são inspiradas ou inspiradas por Deus. Em primeiro lugar, já mencionamos que embora este texto por extensão, talvez por dedução e extensão, não possa ser aplicado à totalidade do Antigo Novo Testamento, Paulo é bastante claro, ou pelo menos neste contexto, ele é bastante claro que a escritura à qual ele se refere principalmente, embora possa conter também o evangelho e os ensinamentos de Jesus, é a referência de Paulo principalmente ao Antigo Testamento, a escritura que teria chegado até ele.

A outra coisa é que enfatizar este texto e sua contribuição para a nossa compreensão da Bíblia e da inspiração é que ele foca e enfatiza o produto e não o processo. Embora diga que toda a Escritura, principalmente o Antigo Testamento, é inspirada por Deus. É o próprio sopro de Deus, a própria palavra de Deus.

Não nos diz como isso acontece ou como funciona. Uma tentativa de responder a essa questão foi o número, a primeira visão, a visão fundamentalista de que Deus a dita. Mas há muitas evidências do contrário que sugerem que há muito poucos lugares onde, fora dos profetas, os escritores bíblicos estão conscientes de falar a palavra de Deus ou de Deus falar a sua palavra através deles.

Mas em que sentido eles ainda são inspirados? Então, primeiro, 2 Timóteo 3.16 enfatiza o produto, que o produto final, as próprias escrituras, o próprio texto, são a própria, de alguma forma, a própria palavra de Deus. Têm sua gênese no próprio falar de Deus. Têm origem na própria fala ou no próprio sopro de Deus.

No entanto, não diz nada sobre como Deus faz isso. Como foi que Lucas, lendo outros relatos da vida de Cristo, talvez consciente de algumas deficiências, fazendo a sua própria pesquisa, querendo produzir, desejando-se em resposta a um homem chamado Teófilo, querendo escrever o seu próprio evangelho. Como é que esse é o próprio sopro e a própria palavra de Deus? 2 Timóteo 3.16 não foca no processo, mas nos assegura que o produto é nada menos que, embora ainda seja palavras de seres humanos, é nada menos que a própria palavra de Deus.

A última coisa que quero dizer sobre este texto é que a inspiração não é teórica, mas pragmática e prática. O versículo 17 nos lembra que o texto inspirado não é algo que colocamos em uma prateleira por segurança e dizemos: veja, aí está a palavra inspirada de Deus. Mas não adianta nada se não atingir nossos seres e nos transformar e evocar obediência.

Se a Bíblia é realmente a palavra inspirada de Deus, então não podemos deixar de responder de uma forma consistente com isso. Se for a própria palavra de Deus, então ela tem autoridade sobre nós, e devemos responder com obediência. O último texto então, 2 Pedro 2.20 e 2.21, quando o autor disse que os profetas não escreviam por conta própria e segundo sua própria interpretação, mas eram indivíduos movidos pelo espírito de Deus.

Novamente, penso que precisamos perceber as limitações de que Pedro não parece estar, pelo menos aqui, abordando explicitamente todo o texto. Acho que ele deixa isso claro, e se você ler o contexto e entender o que está acontecendo em 2 Pedro, Paulo está defendendo principalmente os profetas do Antigo Testamento, e talvez até mesmo os apóstolos também, quando diz que o que eles profetizaram, quando eles profetizaram, não foi resultado de seu próprio desejo humano e engenhosidade humana e de sua própria interpretação, mas a profecia veio como resultado de seres

humanos movidos pelo espírito de Deus para falar a própria palavra de Deus. Embora não queiramos excluir outros livros do Novo Testamento, certamente 2 Pedro 2.20, tal como o temos, aborda principalmente a literatura profética e não diz nada sobre como a narrativa ou a poesia ou outros tipos de literatura ou outros textos foram produzidos, mas certamente fornece um modelo útil para a compreensão de como o espírito de Deus poderia trabalhar através dos seres humanos para produzir algo que era nada menos que o produto do autor humano, mas ainda assim, de alguma forma, ao mesmo tempo, era nada menos que a própria palavra de Deus e algo que se devia ao próprio sopro de Deus.

Como isso afeta a interpretação bíblica? Em primeiro lugar, porque a Bíblia é um documento humano, depois os vários métodos de crítica dos quais vamos falar, definiremos mais tarde o que entendemos por crítica. Os próprios métodos de interpretação, as diferentes críticas que discutiremos e a forma como analisamos a compreensão humana são todos válidos e necessários porque estamos lidando com documentos que são profundamente humanos. São produzidos por seres humanos num contexto histórico específico, em resposta a problemas humanos, etc.

Então por isso, pela dimensão humana, que valida através dos diferentes métodos e das diferentes críticas de que falaremos. Mas em segundo lugar, porque estes documentos são divinos, porque a Bíblia é nada menos que a palavra de Deus, ela tem direito às nossas vidas. Exige ser obedecido.

Devemos nos submeter a ele e obedecê-lo. Em outras palavras, os métodos históricos só podem nos levar até certo ponto na compreensão do texto bíblico, por mais necessários que sejam. Mas o texto bíblico é também um documento espiritual, e por trás dele está o Deus que o inspirou, e que se comunica com o seu povo, e que deseja ser o nosso Deus, e deseja que sejamos o nosso povo.

Portanto, como livro espiritual, como livro divino, ele tem direito às nossas vidas e deve evocar uma resposta de obediência. A terceira coisa é que o próprio texto é, e deve ser, o locus da nossa atividade interpretativa. Não as tradições ou fontes por trás dele, mas por mais útil que isso possa ser, e falaremos sobre a necessidade, como já vimos, da distância histórica e cultural que muitas vezes nos separa do texto bíblico.

Mas, em última análise, é o próprio texto que é o locus da nossa atividade interpretativa, e não a reconstrução do nosso contexto histórico reconstruído, ou uma chamada fonte hipotética reconstruída. Mas, em última análise, é o texto acabado, o produto que é o locus, ou o centro da nossa atividade interpretativa, como produto do próprio discurso de Deus, como o próprio texto inspirado. A outra suposição que quero mencionar muito brevemente é que assumirei que o Antigo e o Novo Testamento canônicos que agora confessamos, que especialmente os estudiosos evangélicos confessam, os 39 livros do Antigo Testamento e os 27 do Novo Testamento, são a palavra inspirada de Deus, ou são as escrituras canônicas, baseadas no testemunho de Jesus, e outras antigas autoridades judaicas, baseadas na evidência da igreja primitiva dos séculos IV e V d.C., enquanto lutavam e trabalhavam descobrir quais documentos eles aceitariam como escrituras autorizadas e reconheceriam como a própria palavra de Deus.

Com base nessa evidência, novamente, o centro do locus e objeto da nossa atividade interpretativa será, então, o Antigo e o Novo Testamento canônicos. Com isso, consideramos a origem das Escrituras e como isso influencia a maneira como interpretamos e como isso influencia a maneira como abordamos a interpretação. O próximo passo que daremos é preliminar, ou seja, como podemos ter certeza de que temos o texto inspirado das escrituras, ou algo próximo a ele, talvez? Esse é o processo conhecido como crítica de texto, e quero falar um pouco sobre isso em nossa próxima sessão.

Mas agora que discutimos a origem da produção da Bíblia como a palavra inspirada de Deus, como sabemos que o que temos em mãos é, de fato, a palavra inspirada de Deus? Trata de questões de crítica textual, e também de tradução, das quais falaremos nas próximas duas sessões.